

TEIXEIRA, Ramiro. **São Francisco e Santo Antônio**. Porto: Associação Cultural do Convento de S. Payo, 2004.

*José Mauricio de Carvalho**

O livro de Ramiro Teixeira não é uma biografia convencional de dois dos grandes nomes da civilização medieval: Francisco de Assis e Antônio de Lisboa ou de Pádua. O autor, acompanhando a intuição básica de Ortega y Gasset, explica que não se pode falar dos homens sem olhá-los na circunstância em que viveram, temos que falar deles inserindo-os no mundo em que viveram. Para realizar seu projeto, Ramiro dedica-se ao “exame das estruturas e das conjunturas que enformam a época e a regra franciscana” (p. 2). O olhar da conjuntura que ele realiza é muito amplo, vai “desde a língua à consciência de ser individual, coletiva e política, passando pela economia, pela arquitetura dos estamentos sociais, pela filosofia, pela religião, pela ciência” (p. 7). O panorama que emerge da descrição nos leva de volta ao mundo medieval, descrito em detalhes e com paixão crescente pelo autor. Ramiro fala do movimento franciscano como parte deste mundo e mostra como algo que começa marginal termina por exercer grande influência religiosa e cultural naquela sociedade.

O autor explica como, após a queda do Império Romano, a única organização que sobreviveu foi a Igreja Cristã, desafiada a se adaptar aos novos tempos. O culto à caridade, misericórdia e exaltação da pobreza ajudaram a sua popularização entre as massas escravizadas. Aos poucos, em meio a uma nova ordem sociopolítica, o poder da Igreja cresce até que toda civilização se torna dependente do seu poder, sob o signo da cruz, à qual ninguém escapa e onde o temor do pós-morte, do Diabo, só se atenua através de uma existência em permanente estado de sacrifício (p. 10). Esse ambiente religioso propicia a multiplicação de pregadores que perambulavam, em estado de mendicância, pelas cidades e caminhos perigosos infestados de bandidos e animais ferozes. Um ambiente voltado para Deus ajuda a entender também a ideologia monástica que difundia a ascese e a mortificação. Era o final de um período em que o homem vivia fora de si mesmo, mergulhado numa compreensão teológica do mundo. Conforme lembra Ortega y Gasset no livro *Em torno a Galileu*, editado pela Vozes em 1989: “Foram necessários nove séculos – do III ao XII – para que o homem conseguisse reorganizar o seu contorno de modo que lhe fosse possível desatendê-lo e ensimesmar-se de novo” (p. 87).

A moral veiculada naqueles dias amparava-se no dever religioso de servir os pobres e realizar obras de misericórdia, ideal sistematizado por Antônio de Pádua na frase: “as virtudes nada são sem caridade, sendo que com ela se aperfeiçoam” (p. 14). Ele acompanha Ortega y Gasset num outro aspecto, considera que apesar da singularidade desse ambiente, na época de Francisco e Antônio estavam se formando os elementos culturais que desembocaram no mundo moderno, com o ensimesmamento de fundo religioso desembocando na subjetividade cartesiana.

Voltemos à descrição histórica. O modo de vida dos moralistas miseráveis que perambulavam no seio da cristandade medieval não foi um movimento sem conseqüências, abria um constante foco de tensão com a Igreja institucionalizada, rumando muitos desses pregadores para o confronto com a hierarquia. Naqueles dias

* Professor Adjunto do Departamento das Filosofias e Métodos da Universidade Federal de São João del Rei.

proliferavam as heresias. O problema era tão sério que o Papa Inocêncio III declarou que os cátaros eram mais perigosos que os árabes para a sobrevivência do cristianismo. Novas ordens religiosas foram proibidas pela Igreja e foram exceções o surgimento e o reconhecimento dos dominicanos e franciscanos.

A história de Francisco aparece, nesse contexto, como a afirmação de um modo de vida simples, comum como a de tantos outros pregadores, porém tutelada pela igreja. Duas questões envolvem a trama. Francisco é apresentado como um homem tenaz e o desenvolvimento de sua obra passa por crescente institucionalização, numa tensão dialética com os ideais simples vividos por Francisco e os primeiros irmãos na gênese do movimento.

Acompanhamos neste livro a trajetória de vida e os dramas que experimentou Francisco. Ramiro Teixeira explica que a obstinação do santo em viver sua vocação não corresponde à imagem de um místico milagreiro de vida bucólica consagrada em certas representações do santo. Francisco certamente era um homem contemplativo, severo e que cumpria decididamente a missão que descortinou para si. Como ele descobriu sua missão? Não foi de uma vez ou num único episódio. A sua vida principia com festas e extravagâncias de um jovem rico, hábil nos negócios e de família importante que vivia na cidade de Assis, Itália. A guinada para a nova vida tem início no período em que cai prisioneiro de Perúgia, juntamente com outros jovens de Assis, num dos inúmeros conflitos entre as cidades, como era comum no período. Francisco aceita serenamente as privações e sofrimentos da vida no cativo, ainda que o dinheiro da família o ajudasse a não passar severas privações. Libertado da prisão, o processo de mudança interior permanece em curso, embora não tenha se completado rapidamente, como ordinariamente se pensa que ocorra. Explica Ramiro que Francisco: “Ora renunciava à vida mundana, ora retornava a ela em mudanças bruscas de humor e de postura” (p. 38).

O autor do livro sugere que a descoberta da missão esteve associada à crescente valorização da natureza e da vida que experimentou Francisco. Foi isso que fez nascer nele um projeto, um objetivo para viver compatível com a importância que descobriu na natureza. E o projeto de Francisco, sua missão na vida seria a de “servir Deus, amando o que Ele criara: as pedras, os vermes, as aves, os horizontes, as montanhas, os animais, os homens” (p. 39). Missão cuja raiz ia muito além de uma decisão intelectual, ela o envolvia por inteiro, o que o autor explica mencionando exigências que brotam do não consciente, de um íntimo profundo “ressonando vozes desconhecidas, apelativas à meditação silenciosa, ao encontro consigo próprio, como a quererem transmitir-lhe um novo rumo na vida” (p. 39). O modo como olha a natureza o ajuda a ensimesmar-se.

O projeto escolhido por Francisco, e não poderia ser de outro modo, o coloca em rota de colisão com o pai não porque seu pai fosse um velho sádico e mesquinho como sugerem alguns biógrafos, mas porque a vida escolhida por Francisco, pobre e mendicante, envergonhava-o, destruía seus sonhos e desbancava sua fortuna. Abandonando a casa paterna, Francisco começa a viver sua vocação, restaurando a capela de Santa Maria dos Anjos, atividade na qual se viu ajudado por outros jovens que encontraram no seu modo de vida uma razão para a própria existência. A história do restaurador de templos, pobre mendicante, torna-o objeto de admiração, mas também de deboche. Indiferente a ambos os grupos, vive Francisco a completa entrega a seu novo modo de vida até que sentiu necessidade de ir ao Papa. Desejava evangelizar e para isso necessitava da autorização da hierarquia eclesiástica. Inocêncio III percebeu a dimensão do pedido e autorizou a nova ordem, embora apenas verbalmente por medo que o movimento caminhasse para uma heresia. Outras já havia no período e começaram com os mesmos santos propósitos.

Depois da autorização do Papa, o problema maior de Francisco passou a ser acolher o crescente número de seguidores, entre eles Clara Sciffi, filha de um nobre e poderoso senhor da cidade de Assis. Clara dedicou-se ao ideal de Francisco, que a instalou numa pequena Igreja que havia recuperado. Adaptou o lugar para acolhê-la e também a outras jovens que procuravam o mesmo estilo de vida. Impedidas de realizar os trabalhos que Francisco realizava, dedicaram-se à adoração e à penitência.

Resolvidas as questões de acomodação dos irmãos e irmãs que o procuravam, foi necessário pensar melhor a institucionalização da ordem e aí surgiram novas dificuldades e sofrimentos. Entre a maioria que desejava apenas viver como ele, havia os que esperavam um abrandamento dos rigores da pobreza, ter, por exemplo, o direito de estudar e viver numa casa conventual. Os últimos anos da segunda década do século XIII foram os tempos desse dilema. Francisco rejeita as mudanças e castiga os que se opõem às suas determinações. Aos poucos vai mudando, por um lado, porque a forma escrita da regra precisava ser aprovada pela Cúria Romana; por outro, porque viu na convivência com os que o criticavam uma forma de aperfeiçoamento moral. Conviver com os dissidentes, amá-los, rezar por eles eram formas de seguir Cristo e viver bem o ideal evangélico.

A disputa em torno da regra termina na redação aprovada em novembro de 1223. Muitas alterações foram feitas nas redações anteriores, que estavam mais ao gosto de Francisco, esclarece o autor:

as passagens simples e líricas foram substituídas por complexas formas jurídicas, o artigo que autorizava os irmãos a desobedecerem aos superiores indignos foi retirado, tal como a recomendação expressa de se cuidar dos leprosos. Do mesmo modo deixou de ser proibido aos irmãos o uso e posse dos livros (p. 80).

Aceitando a redação que foi levada para a Cúria Romana, Francisco ficou entre os radicais, que o julgaram traidor dos primitivos ideais e os desejosos de reformas mais radicais. Infeliz com a situação, Francisco isola-se e se vive um período místico e de orações. É nesse tempo de recolhimento que escreve textos que o consagram, inclusive o cântico do sol.

A pobreza e privações continuaram nesse período de recolhimento e agravaram seu estado de saúde. Francisco adocece gravemente e vê o fim se aproximar. Retorna a Assis, onde é cercado pelos irmãos que o acompanham em seu sofrimento. Seu último pedido é para ser enterrado nu, forma de expressar a pobreza, virtude que para ele era o eixo básico da cristandade.

Vivendo um mundo marcado por legislação e decretos religiosos que excluía da vida social leprosos, hereges, homossexuais e judeus, Francisco foi o homem do amor e do perdão. A moral evangélica tinha para ele um sentido humanista, de compaixão pelo sofrimento do outro. Mesmo sem ser panteísta, elabora uma visão metafísica da vida, ancorada na relação amiga com a natureza e com um Deus cujo rosto lhe parece próximo, alegre e jovial. Francisco experimenta a satisfação de realizar sua missão junto de um Deus que é alegria e entende a moral evangélica como o caminho mais seguro para a felicidade dos homens. Francisco é um exemplo de como a moral cristã servia de guia prático para aquela geração.

O outro personagem do livro é Antônio, o jovem de Lisboa que se consagrou na ordem franciscana e se tornou conhecido como Santo Antônio de Pádua. Para falar do personagem, Ramiro reconhece a dificuldade de quem se depara com uma época “cujos acontecimentos só chegaram ao nosso conhecimento através de narrações que nos foram deixadas em crônicas sumários, rudes e inseguras” (p. 99). A dificuldade se revela logo na origem de Antônio, cujo nome de batismo era Fernando Martins de

Bulhão, ou Bulhões. Para o autor, as descrições da juventude de Antônio que falam de um tempo vivido no luxo e festas é uma contaminação de relatos criados depois de sua morte e que aproximam sua história de vida da de Francisco. O mais provável, explica o autor, é que Antônio fosse um jovem pobre, mas de viva inteligência, encontrado nas ruas da capital portuguesa e que fora levado para o convento pelos cônegos da catedral de Lisboa. Sua ida posterior para a Abadia de Santa Cruz, ao norte do país, nada tinha com fugir das tentações do mundo e de antigos companheiros ricos, mas objetivava encontrar uma formação intelectual que não lhe estava ao alcance no convento em Lisboa. O mosteiro de Santa Cruz não era apenas um centro de formação intelectual dos melhores, era também “um vespeiro político, celebrando o prior alianças e renúncias ao sabor exclusivo de seus interesses” (p. 111). Fica claro que o mosteiro atendia aos interesses políticos do rei de Portugal, que o queria diretamente subordinado ao Papa, e não a um bispo espanhol.

A experiência de Fernando, quando ele entrou na ordem franciscana, foi muito diferente do ambiente que deixara para trás em Santa Cruz. Na nova ordem, por suas qualificações intelectuais, pode ter sido escolhido para pregar aos mouros, embora o fato não seja comprovado e esteja contaminado pelo sentido heróico que pregar na África representava. Antônio pode ou não ter ido à África, Ramiro entende que não há prova conclusiva a favor de uma ou outra hipótese. O que se sabe é que na época foram trasladados para Portugal o corpo de frades missionários mortos na África. O retorno do frade à Pádua, se foi mesmo à África, não é um período muito conhecido. Ele explica: “Mesmo em Pádua, é a vida de Santo Antônio tão obscura como nos outras partes em que viveu” (p.125).

A história do Santo pretende aproximá-lo de Francisco, mas os relatos históricos ou documentos que nos restaram não confirmam a proximidade entre ambos. Nas pregações de Antônio não há qualquer referência a Francisco, por exemplo. Além do que, muita coisa afastava os dois. Afirma o autor: “Embora os ideais e o tipo de vida fossem comuns, um abismo os separava, Antônio era um intelectual, ao passo que Francisco não o era. Antônio nasce dos livros e por isto é um didático. Francisco é um lírico, um utopista.” (p.129).

A pregação de Antônio incorpora um elemento de responsabilidade pelo viver com nítida conotação moral que somente ganhará corpo posteriormente com o *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, de Pico della Mirandola, texto com elementos éticos de grande implicação. Como lembra Ramiro, a pregação de Francisco como a de Mirandola mostram que o homem tanto pode diminuir à condição de um animal quanto elevar-se à imagem de Deus.

Ramiro aprofunda a tese de que Antônio é uma espécie de pré-humanista, a quem escandaliza os desmandos do clero que vivia “o santo, os maus costumes, a realeza, a gula pela acumulação de riquezas, a ostentação e a vida pecaminosa com as amásias” (p.136). Não era tal comportamento uma exceção, pois em toda aquela sociedade corromperam-se os costumes. O que era escandaloso é que os homens da Igreja estivessem próximos do que se praticava naqueles dias. Portanto os movimentos contrários ao clero, as heresias dos valdenses e cátaros, por exemplo, seguiam o mesmo espírito de contestação da vida do clero. Que esse tipo de atitude perturba os príncipes da Igreja e deste mundo fica evidenciado pelos relatos que Ramiro faz do ataque e devastação das regiões habitadas pelos hereges. Foram massacrados os críticos dos poderosos.

Outra face humanista de Antônio que Ramiro espera mostrar é que ele, crítico das riquezas e das heresias, nunca pregou a violência contra os hereges. Ele esperava que a pregação os convertesse e que eles livremente se aproximassem da Igreja. Suas

serenidade e brandura criaram em torno dele fama de santidade. As referências aos milagres que começaram a se espalhar acompanhavam, na época, os homens com fama de santidade.

Histórias fantásticas e prodígios logo percorriam as sociedades cristãs que viam nos santos uma forma de proteção num período em que o nível técnico era rudimentar e praticamente não havia recursos médicos.

Antônio era um notável intelectual, antecipador de teses do humanismo, mas Ramiro não vê motivos para classificá-lo como filósofo. Não era ele um pensador, preocupado em fazer uma leitura crítica das idéias, Antônio era um didático, um mestre, um pedagogo, homem comprometido com a doutrina cristã... A forma como ele desempenhou essa tarefa não foi, seguramente, através do ensino especulativo, mas, como sabemos, “pela exemplificação terrena das práticas evangélicas” (p. 153). A análise dos sermões revela um homem que moraliza e exorta, e não um pensador voltado para a especulação. Se ele cita filósofos como Agostinho, Gregório, Bernardo, Jerônimo e até Aristóteles e Catão, os textos não aportam reflexões teóricas, eles se concentram nos “males sociais e morais do mundo” (p. 160).

À habilidade pedagógica de Antônio somava-se um conhecimento das várias línguas faladas nas regiões onde pregava, de modo que ele era um pregador bastante conhecido e apreciado. Sua fama de pregador e santo acelerou o processo de canonização, que foi concluído num tempo que hoje causa perplexidade. Contribuiu também para sua canonização “a circunstância de, ao redor desta veneração, se juntarem não só os Paduanos divididos entre si, os romeiros de cidades vizinhas e adversárias” (p. 169).

O livro de Ramiro tem ainda uma parte final dedicada a avaliar a contribuição de Frei Elias para o desenvolvimento da ordem medieval. O Frei foi durante muito tempo criticado por dar aos ideais franciscanos rumo que Francisco sempre evitou. A audição que dele faz o autor, à parte da enorme dificuldade dos registros históricos, é que se tratava de um homem prático que amava verdadeiramente o fundador da sua ordem. Ele deu aos ideais apenas a direção possível, apoiado integralmente pela Cúria Romana.

O livro nos leva ao ambiente cultural da Idade Média deliciosamente descrito à parte das dificuldades com as fontes históricas. Apresenta as figuras de Francisco e Antônio de modo extremamente humano e mostra os seus dilemas existenciais. Saem dos relatos engrandecidos os dois santos não pela ênfase nos milagres ou feitos mirabolantes, mas pela coragem e sinceridade com que um e outro viveram sua vocação. Vocação que, conforme afirma Ortega y Gasset, é a entrega completa a uma causa que consome por inteiro a vida. As vidas de Antônio e Francisco estão na confluência de um tempo que viu o desespero com as coisas do mundo evoluir noutra direção nos séculos que se seguiram. Pelo que vemos, Francisco é o ponto de chegada de um projeto e Antônio começa a trajetória de volta ao mundo. Essas duas figuras estão na confluência do que disse Ortega y Gasset no livro *Em torno a Galileu*, publicado pela Vozes, em Petrópolis, em 1989:

Mas posto já a contar esse drama necessitava ver por que sucumbe a forma medieval da vida européia, como a história do século V ao XV é uma trajetória balística em que o homem, disparado para o transmundo divino pelo desespero, ascende em rota cristã até o século XIII e logo recai na terra que quis abandonar.

O que nos fica é que Antônio e Elias, fiéis à cristandade e à ordem, são homens que preparam os dias que haveriam de vir. Francisco foi o ponto de chegada de uma cristandade que se dirigiu ao céu, desesperado da terra.